

A IMPORTÂNCIA DO MITO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA:

O MITO DE SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA

Padroeira dos Estudantes e do Estado de Santa Catarina

*A METÁFORA É A MÁSCARA DE DEUS, ATRAVÉS DA QUAL A ETERNIDADE
PODE SER VIVENCIADA!*

Dra. Sonia Lyra

sonia@ichthysinstituto.com.br

Resumo: Aos 59 anos Jung escreveu: *A vida é, a um só tempo louca e importante. E, quando não rimos de um aspecto e especulamos sobre outro, ela se torna insípida e tudo se reduz à mais insignificante escala. Há então igualmente, pouco sentido e pouco absurdo.* Joseph Campbell um dos maiores mitólogos de todos os tempos, esclarece que mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, e que um mito é, de fato, uma *experiência de sentido*. Chega-se a essa experiência dizem Jung e Campbell, lendo mitos. Conhecendo a mensagem de outros povos, outras culturas, e observando em nós mesmos seus efeitos, aqui e agora. O que temos hoje é um mundo desmitologizado e, com isso, uma profunda ausência de sentido. Por trás das representações arquetípicas estão os arquétipos, que não são idênticos às representações, mas as produzem. Embora o mito, como o sonho, sejam o seu próprio sentido, devemos reinterpretá-lo psicologicamente, se queremos reaver o sentido que tiveram para as culturas do passado. Qual o sentido de ter Santa Catarina de Alexandria como mentora de um povo? Como padroeira (*defensora/protetora*) dos buscadores do conhecimento?

Santa Catarina de Alexandria

Quando dei início a essa pesquisa não imaginava o grau de dificuldade que seria encontrar material de referência para esboçar o mito de Santa Catarina de Alexandria. São muitas as controvérsias que surgem quando se busca a história pessoal de Catarina, virgem e mártir do século IV, Doutora da Igreja. Sabe-se que nasceu em Alexandria, cidade principal do Egito na época. Alguns historiadores dizem que era filha de uma ilustre família da nobreza, descendente, em linhagem direta dos reis e governadores do país, outros dizem que era filha do rei Costus.

Possuía inúmeros dons, tanto físicos como morais e era dotada de uma inteligência clara e brilhante. Dois sábios de Alexandria foram os seus mestres e, tão rápidos foram seus progressos, que aos treze anos era mestre nas sete artes livres: eloquência, poesia, música, arquitetura, escultura, artes plásticas e coreografia.

Com o falecimento do pai, Catarina retirou-se com a mãe Sabinela, para as montanhas da Cilícia onde travou conhecimento com Ananias, velho sacerdote, amável e comunicativo. Ananias transmitiu a Catarina os mistérios da religião Cristã. Sua mãe que já era cristã empenhava-se em trazer a filha para a Igreja e procurava um esposo que lhe fosse digno. Esta, porém, não achou nenhum pretendente do agrado.

Mãe e filha tiveram um sonho (não relatado) que foi interpretado como o meio utilizado por Deus para trazer Catarina para uma experiência de fé. Desejosa de conseguir aquilo que o sonho lhe prometera, instruiu-se nas verdades da religião cristã, quando então recebeu o batismo.

Com a morte da mãe, Catarina continuou inserida no cristianismo progredindo rapidamente na ciência divina tornando-se mestre na ciência da fé. Aos dezoito anos realizava debates públicos com os maiores filósofos da época.

Nesse tempo o imperador Maximiano havia decretado perseguição aos cristãos e sua doutrina. Tendo conhecimento da sabedoria de Catarina, prometeu prêmios aos filósofos que conseguissem demovê-la dessa crença. Conta-se que numa discussão pública, para a qual Catarina foi convidada, tudo fizeram para desorientá-la. Ela, porém, respondeu-lhes com clareza e sabedoria convertendo alguns dos debatedores ao cristianismo. O imperador, surpreendido com o êxito do debate buscou outros meios, para convencê-la. Adulação, sedução e promessas de fazê-la imperatriz não a demoveram de sua convicção e ela não aceitou as ofertas do Imperador.

Enfurecido, Maximiano usou então de violência. Mandou encarcerá-la por doze dias em cárcere escuro. Durante o período da prisão, conta-se que a imperatriz quis conhecê-la pessoalmente e foi até lá com um soldado, retornando ambos convertidos ao cristianismo e, com decreto de morte para ambos, pelo Imperador. Para surpresa de todos, quando foi trazida outra vez à sua presença, Catarina estava mais bela que nunca. Sem conseguir demovê-la de sua decisão e fazê-la renunciar à fé, ele a condena ao martírio da roda. A roda possuía navalhas afiadas que deveriam mutilá-la até a morte. No entanto, alguns dizem que no momento em que ia ser estendida sobre a roda ela fez uma oração, outros dizem que tocou na roda, outros dizem ainda que ela fez o sinal da cruz. Diante do seu gesto, a roda despedaçou-se para espanto e conversão de tantos outros. Cada vez mais irritado com tamanha insolência Maximiano, finalmente, manda decapitá-la pronunciando a sentença de morte.

Ao ser decapitada, no entanto, o que jorra do seu corpo não é sangue mais sim, leite! Sobre seu sepulcro no mais alto do Monte Sinai foi erigido um Mosteiro Ortodoxo cujas relíquias foram depositadas por anjos no mosteiro. Outra versão do mito diz que durante mais de 200 anos se preservou secretamente o corpo da Mártir, que o imperador Justiniano decidiu colocar no mosteiro recém-fundado no Sinai. Pensa-se também que foi logo a seguir ao seu martírio (c. 307) sendo que o monte é também conhecido como Djebel Katerina (monte de Catarina). O Mosteiro é independente (Igreja Autocéfala)¹, isto é, cabeça da sua jurisdição sem depender de qualquer outra eclesiasticamente (nem de Constantinopla, nem de Roma, Jerusalém, etc.). A única ligação reside na consagração do arcebispo de Santa Catarina do Monte Sinai, ou Igreja do Monte Sinai - a mais pequena Igreja da comunhão e tradição ortodoxas (depois do Grande Cisma de 1054, em que se deu a separação das Igrejas do Oriente e do Ocidente) - pelo Patriarca de Jerusalém.

Atualmente, a comunidade monástica ortodoxa, multinacional, alberga cerca de 20 monges e atrai um número infindável de peregrinos e devotos ao lugar santo, não somente do Cristianismo, como do Judaísmo e do Islã, através das religiões do Livro. Edificado em 542 por ordem de Justiniano o mosteiro dispõe de mosaicos árabes, ícones gregos e russos, pinturas ocidentais em óleo, cera, mármore vários, riquíssimas vestes litúrgicas e um relicário doado por Catarina I da Rússia, no século XVII. Outro relicário doado por Alexandre II no séc. XIX. Depois do Vaticano encontra-se nesse mosteiro a segunda maior coleção de iluminuras do mundo: mais de 3500 volumes em grego, copta, arménio, árabe, hebraico, línguas eslavas, siríaco, gregoriano entre outras línguas do Oriente Médio. O célebre e valiosíssimo, *Codex Sinaiticus*, do século IV que lá estava, foi emprestado e até hoje não foi devolvido, estando depositado no Museu Britânico, em Londres, Reino Unido.

Ainda dentro do espaço cercado do mosteiro, acha-se uma mesquita que remonta aos séculos X-XI, além de uma capela, de S. Trifónio, que alberga a Casa dos Crânios, uma espécie de capela de ossos. Repositório vivo do Cristianismo primitivo, lembrança de Moisés e da sarça-ardente, das Tábuas da Lei, este mosteiro é um dos lugares mais míticos do Oriente Médio e um grande destino turístico no Egito.

Santa Catarina de Alexandria é a protetora dos pregadores, dos filósofos, dos monges copistas e dos bibliotecários (provavelmente por causa da associação com a famosa biblioteca de Alexandria), dos estudantes, professores, pelos que trabalham com rodas e também das mães. É representada acompanhada da roda de suplício. Seu monastério no Sinai sempre foi preservado pelos muçulmanos, segundo alguns, por ordem direta de Maomé.

¹ [http://www.infopedia.pt/\\$mosteiro-de-sta.-catarina-do-monte-sinai](http://www.infopedia.pt/$mosteiro-de-sta.-catarina-do-monte-sinai)

Durante a Guerra dos Cem Anos, era uma das santas que apareciam a Joana d'Arc, incitando-a à resistência contra os invasores ingleses em defesa da França.

No Brasil, é a padroeira principal do Estado e da Ilha de Santa Catarina e copadroeira da Catedral metropolitana de Florianópolis. Historiadores e pesquisadores de tendência materialista acreditam que Catarina possa não ter existido de fato. Para eles a escassez de documentos históricos e o aspeto lendário de sua vida levam a crer que ela representa um mito, talvez a versão cristã da filósofa Hipátia de Alexandria, cuja biografia apresenta elementos semelhantes ao mito de Catarina.

Em 1969, a Igreja Católica eliminou do Calendário Litúrgico Universal a celebração do dia 25 de novembro, em memória de seu martírio, em função da falta de documentos históricos de sua época. Essa retirada foi mal interpretada como uma cassação, pois Santa Catarina de Alexandria continua a ser legitimamente venerada nos calendários particulares das dioceses e paróquias. As razões da atual revisão histórica são: a) a descoberta de afrescos dos séculos VIII e IX, em Roma e Nápoles, com a identificação de seu nome Ekaterina; b) perante essa descoberta, hoje não é mais possível afirmar sua inexistência com a falsa ideia de que seu culto começou apenas na época dos cruzados (que era justamente um dos argumentos para a tese de que ela não existia); c) deve-se salientar o princípio de que não é o documento que está na origem do culto e que não parece científico negar sua historicidade a partir do argumento de escassez documental; d) devemos também frisar a distinção hermenêutica entre o núcleo histórico e mítico nas narrativas. Recentemente o Papa Bento XVI recolocou sua memória no calendário litúrgico, mas como memória facultativa, mostrando claramente a fé da Igreja Católica em sua existência e intercessão.

Santa Catarina por sua sabedoria, virgindade, fé e milagres realizados, foi canonizada Santa da Igreja Católica e padroeira de um povo.

Assim estamos todos aqui imersos nesse mito que, para a grande maioria de nós, com certeza perdeu o sentido, ou seja, faz parte de um mundo desmitologizado. Faremos uma breve releitura do mito. Abordando especialmente a roda da tortura.

O mito

O mito não é uma mentira? Um amontoado de bobagens que não levam a nada? O mitólogo Campbell diz: Não. A mitologia não é uma mentira. É poesia, é metáfora. É a penúltima das verdades porque a última, essa não pode ser transposta em palavras. Pensar em termos mitológicos nos coloca em acordo com o inevitável da vida. Você aprende a reconhecer o que há de positivo em todo o negativo da sua vida. A questão a

saber é se você vai conseguir dizer SIM (*amor facti* – segundo Nietzsche) ao seu destino.

Desse modo quando uma pessoa se torna modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal, que pode ser mitologizada. Os motivos básicos dos mitos são sempre os mesmos e há uma chave usada para encontrar nossa mitologia pessoal. Essa chave diz: observe a que sociedade, a que grupo, você se afilia. Assim mitos de amor e participação dizem respeito apenas aos que pertencem àquele grupo, os de fora são totalmente outros. Esse é o sentido da palavra “gentio” – a pessoa que não é da mesma espécie. Assim em comunidades restritas a agressividade é projetada para fora. Por exemplo: os dez mandamentos dizem: “não matarás” e no capítulo seguinte dizem: “vai a Canaã e mata a todos que encontrar”. A projeção é um termo técnico Junguiano e revela sempre um conteúdo inconsciente. Daí as divisões sociais que aparecem inclusive, entre as diferentes linhas da psicologia.

Mitos são, pois, metáforas! Deuses e deusas surgem como representações arquetípicas na Psicologia Analítica de Jung. São personificações de um poder motivador ou de um sistema de valores para Campbell. Assim temos dois tipos de mitologia: uma que relaciona você com sua própria natureza (deusas e deuses arquetípicos) e outra estritamente sociológica que liga você a uma sociedade particular.

Todos os rituais são ritos mitológicos diz Campbell. “Quando um juiz adentra o recinto de um tribunal e todos se levantam, você não está se levantando para o indivíduo, mas para a toga que ele veste e para o papel que vai desempenhar. O que o torna merecedor desse papel é a sua integridade como representante dos princípios que estão no papel”.²

Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar e cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua vida em particular. “Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica”.³ O que os mitos revelam acima de tudo é que no momento mais sombrio surge a luz, onde o momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem da transformação está prestes a surgir. É como se encontrássemos um consenso em ler o mundo e como se este, tivesse para cada um de nós uma mensagem. O inconsciente é o portador dessa mensagem tanto nos sonhos quanto nos mitos. A diferença é que o sonho é também uma experiência pessoal que dá suporte às nossas experiências conscientes e o mito é o sonho da sociedade. “O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado”.⁴

² Campbell, Joseph. Moyers, Bill. O poder do Mito. Ed. Palas Athena. 1990, p. 6.

³ Idem, p. 33.

⁴ Idem, p. 42.

Se o seu mito privado, seu sonho, coincide com o da sociedade, você está em bom acordo com seu grupo. Se não, a aventura solitária de adentrar uma densa floresta o aguarda. Se nossos sonhos privados estão em descompasso com o mito do grupo, então teremos problemas.

O que ocorre nesses casos é que pessoas que se afastam da sociedade que poderia protegê-los, ingressam na densa floresta da experiência original tendo que construir por si mesmas suas vidas. A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência nessa mitologia é façanha do herói. O herói é um dos mitos principais, aquele que embasa a travessia tanto dos indivíduos quanto dos grupos sociais.

Também é aquele que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência; é também aquele que deu a vida por algo maior que ele mesmo: p.ex., Santa Catarina de Alexandria.

Há dois tipos de proeza que acompanham esse mito. Um tipo de proeza física em que o herói pratica algum ato de coragem, salva uma vida ou vence uma batalha. O outro tipo de proeza é espiritual, onde “o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem”.⁵ Normalmente perfaz-se um círculo entre a partida e o retorno para a sociedade e essa é uma transformação fundamental pela qual todo indivíduo deve passar. Evoluir de uma psique infantil e dependente para uma psique adulta e auto-responsável exige processos de morte e ressurreição contínuos. Esse é o motivo principal do herói: ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida que o conduz a um estágio de consciência mais rico e amadurecido.

E como ocorre a transformação? Ou pelas provações ou pelas revelações. Os heróis mitológicos doam suas vidas ainda que em diferentes graus de ação ou de iluminação. O feito típico do herói é: partida, realização e retorno. P. ex.; Moisés é uma figura heroica. Sobe a montanha, vai até o topo, encontra Iahweh e volta de lá com as tábuas da lei, dando formação para toda uma sociedade.

Existe uma certa sequência que acompanha o mito do herói. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, de uma nova cidade, de uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia-semente aquela que traz consigo o potencial para fazer nascer o algo novo. Os fundadores de todas as religiões se consagraram a buscas como essa.

⁵ Idem, p. 131.

Tentativa de interpretação do mito

Um indivíduo com certos predicados se aproxima e tudo se aglutina em torno dele. Histórias que envolvem milagres dão indícios de que esse indivíduo notável pregou sobre uma ordem espiritual e não física. Porém os milagres do mito ou da lenda não precisam necessariamente ter acontecido.

No caso de Catarina, a grande ameaça que se concretiza está representada pelo tirano Maximiano o qual de acordo com o relato mítico desafia o herói – Catarina – a recuar, ameaçando sua vida. Catarina impõe-se, aprendendo a viver no tempo que lhe coube viver, como verdadeiro ser humano, mantendo-se fiel à sua própria lei (ou lei de Deus), pagando o preço que se paga para forjar a própria personalidade - rejeitando as exigências impessoais do sistema que a pressionava.

Na mitologia essa é uma velha história que se reveste de novas roupagens sempre que alguém é chamado à aventura partindo em expedição para enfrentar tormentos e provações e retorna após a vitória, com uma benção para a comunidade.

A vitória é atemporal. Ainda que influencie a comunidade imediata, pode desenrolar-se no tempo por séculos sem fim, como é o caso de Catarina.

Catarina foi orientada por sábios, mas especialmente por um sacerdote “amável e comunicativo” (um velho sábio – arquetipicamente falando) e, munida de um conhecimento fora do comum, é convidada a debater em público. Sendo vencedora do debate destaca-se como mulher de conhecimento, portadora da sabedoria (último estágio da ânima na psicologia junguiana).

Jung fala da ânima como representação feminina da alma do homem. Primeiro Maximiano a desafia. Em seguida a trancafia nas masmorras e na escuridão, para então enviá-la para roda de tortura. Catarina em contato íntimo com seu verdadeiro ser evoca a destruição da roda de tortura.

A roda de tortura e o sacrifício

Ao tema do sacrifício estão diretamente ligados, a renúncia a um objeto ou a algo ou a destruição deste em favor de uma potência absoluta (Deus). Jung revela no sacrifício o caráter simbólico da purificação e da consagração. Duas outras concepções compõem o termo: 1. Pathos (paixão) e 2. Oferenda (dom). Ambas as vias de acesso fazem referência à dinâmica psicológica que acontece entre o eu (ego) e o Si-mesmo. No caso da paixão, a individuação representa um acontecimento heroico ou trágico, isto é, gravíssimo; o eu sofre por assim dizer, a violência do Si-mesmo. Essa dimensão revela-se portanto em dois modos: heroico e trágico.

Na paixão heroica, o Si mesmo permanece inconsciente e vem configurar-se como herói – enquanto forma humana visível -, isto é, se personifica. Na segunda forma da paixão (trágica) o Si mesmo se transmigra ao centro da consciência destronando totalmente o eu (como no caso da psicose).

O eu ou ego é aquela dimensão que muitas vezes aparece na mitologia como dragão a ser vencido. Não o dragão chinês, este é de uma outra espécie. O dragão, ainda que às custas de sua vida, é aquilo que Catarina vence. Ele representa a cobiça, aquilo em que você deseja acreditar, o que você decide amar, aquilo a que você se julga ligado. E se você fizer o que os outros esperam que você faça ou determinem, então o rebaixamento será maior. O dragão guarda coisas na caverna secreta: acúmulos de ouro ou até mesmo uma virgem raptada. Mas ele não sabe o que fazer com isso então só lhes resta guardá-los. Não há vida em pessoas dragões, nem doação. Elas tentam apenas sugar de algum outro a vida de que necessitam pois, não têm vida própria, não têm luz própria. Às vezes precisamos de ajuda para encontrar a pista, isto é, o fio que pode conduzir para fora dessa dinâmica, o caminho que leva para fora do labirinto. Esse é o papel do analista, do professor. Nós devemos orientar os indivíduos para que desenvolvam as imagens que têm de si mesmos. Aquilo que cada um procura em sua vida nunca existiu antes, deve provir de uma potencialidade exclusiva da pessoa.

A questão que pode ficar para nossa reflexão é deixada por Campbell: “os mitos formulam as coisas para você” (Idem, p. 165). Em algum momento, todos nós já nos sentimos felizes. Ele diz: o que é que o torna feliz? Não arrede o pé daí. Não importa o que digam, pague o preço!! Alguns mitos falam da recusa de um pretendente (Catarina) ou de uma direção proibida a seguir (Catarina). Com a recusa de pretendentes, com a ultrapassagem de uma barreira, começa a aventura. Você adentra um terreno desconhecido, inusitado. Não pode haver criatividade a menos que você abandone o delimitado, o fixo, todas as regras.

A aventura é uma recompensa, mas é necessariamente perigosa, incluindo probabilidades positivas e negativas, até mesmo fora de qualquer controle, sem proteção (sem pai nem mãe, como Catarina) à mercê dos poderes superiores. Então os teus inimigos são os instrumentos do teu destino.

Não existe nenhum mito que diga que não vamos sofrer, se vivermos a nossa vida como ela deve ser. Os mitos nos dizem como enfrentar, como suportar e como interpretar o sofrimento. “O demônio que você puder engolir transferirá a você o poder dele, e quanto maior a dor da vida, maior a resposta da vida” (Idem, p. 171). Isto quer dizer que quanto maior a dificuldade que você puder assimilar, maior será a estatura da pessoa capaz de realizá-lo.

A roda de tortura tocada por Catarina pode ser assemelhada à roda do devir do budismo tibetano que está repleta de padecimento. Existe, contudo, a libertação do

padecimento que é um estado mental chamado nirvana. É o estado que se atinge quando não se está mais sendo levado a viver em função dos desejos, medos e compromissos sociais compulsivos, quando se encontra o seu centro de liberdade e a partir do qual se age por opção própria. Essa ação voluntária indica que não se está mais agrilhado e sim liberto do medo, da luxúria e dos deveres. Em outras palavras a roda de tortura foi destruída e o herói saiu da roda do carma.

Pergunta-se, mas isso não é somente para santos e monges? Não. Arte e religião são dois dos caminhos que podem levá-lo à essa experiência. No entanto algum mestre ou professor deve ajudá-lo descerrando as portas da percepção para essa dimensão que está oculta dentro de cada um de nós assim como aconteceu com Catarina ao receber a formação dos sábios que a instruíram.

Conclusão

O que Jung propõe ao nos remeter ao estudo dos mitos consiste num método chamado amplificação. Significa que devemos reunir os motivos os mais análogos possíveis partindo do ambiente cultural e histórico do símbolo mítico até ficar evidente que esses motivos se assemelham a distintas facetas do mesmo tema básico. Quando tivermos em mãos as amplificações então buscamos a interpretação, isto é, a linguagem psicológica moderna para associar ou vincular as imagens recolhidas com a *experiência psíquica que pode ser vivida no presente*. O que está em jogo não é o fato de a interpretação ser “correta”, mas, sim que seu efeito seja esclarecedor, vivificador ou iluminativo. O objetivo é a re-ligação da consciência com a fonte de energia psíquica, isto é, com o arquétipo. Nesse sentido o propósito do mito é a assimilação de seu sentido e, com isto, a ampliação e modificação da consciência de forma a produzir uma vivacidade aumentada.

Quanto ao motivo central de nossa interpretação que é a roda de tortura e seu desmantelamento, Jung designa a essa imagem-motivo de mandala e significa: “Formação, transformação, eterna recriação da Mente Eterna. E assim é o *self*, a totalidade da personalidade, que se tudo vai bem é harmônico, mas que não pode tolerar auto-enganos”.⁶ O que Jung denomina *self* não é um substituto da divindade mas sim, um símbolo da divindade que pode aparecer como bem ou mal. Quem teve essa experiência, teve uma experiência religiosa. E quem a teve possui um grande tesouro, uma coisa que para ele se tornou uma fonte de vida, de sentido e de beleza, e que deu um novo esplendor ao mundo e à humanidade.

⁶ Von Franz, Marie-Louise. C.G.Jung Seu mito em nossa época. Trad. Adail Ubirajara Sobral. Cultrix: São Paulo, 1997, p. 117.

São poucos os criativos, dotados de coragem suficiente para aceitarem o próprio conflito interior e para torná-lo consciente, guiados por uma voz interior – paradoxal – delicada, mas inflexível que nos impulsiona na direção da individuação e não permite auto-engano. De tudo isso, Jung “acentua o fato de que nenhuma ciência vai um dia tomar o lugar do mito, do mesmo modo que o mito não pode ser produzido pela ciência. Não pelo fato de que “Deus” seja um mito; esse mito é a revelação de uma vida divina no homem. Não fomos nós que inventamos o mito, mas este que nos fala com a Palavra de Deus. A Palavra de Deus vem a nós e não temos como distinguir se e até que ponto essa palavra é distinta de Deus”.⁷

No caso de Catarina e do ato de sacrifício que a acompanha, a entrega coincide com o fato de que o ego com suas exigências egóicas naturais, “decide contra si mesmo, na medida em que se subordina a uma autoridade superior a si mesmo. Essa autoridade é o princípio da individuação, ou o self, que surge no ato do sacrifício porque força o ego, a partir de dentro, a ocupar uma posição subordinada”.⁸ Por meio do sofrimento, o ego toma consciência do self e nos Atos de João, texto apócrifo (provavelmente do sec. II d.C.), Cristo diz aos seus discípulos: “Se tivésseis compreendido o sofrimento, teríeis o não sofrimento”.⁹ Somente a consciência subjetiva está isolada; quando se relaciona com seu centro (a roda) ela é integrada na totalidade e encontra, em meio aos sofrimentos, o lugar da paz, que está para além de todos os envoltórios.

Finalmente, podemos pensar através desse pequeno esboço do mito de Santa Catarina de Alexandria, que este enquanto experiência encontra-se no Monte Sinai tendo apenas emprestado seu nome ao Estado de Santa Catarina e por isso, não ter em torno dela imagens e/ou ritos que complementem a experiência viva do mito.

Bibliografia:

CAMPBELL, Joseph. MOYERS, Bill. O Poder do Mito. Paalas Athena. 1990.

Propylaeum, pp. 543–4, Baudot and Chaussin, Vies des Saints, xi. 854–72

A. Poncelet, ‘S. Catharinae translatio et miracula Rotomagensia’, Anal. Boll., xxii (1903), 423–38

A. Fawtier, ‘Reliques rouennaises de Ste. Catharine’, Anal. Boll., xli (1923), 357–68

⁷ Idem, p. 156.

⁸ Idem, p. 185.

⁹ Idem, p. 185.

G. B. Bronzini, *La Leggenda di S. Caterina d'Alessandria: Passioni greche e latine* (1960)

E. C. Williams, 'Mural Paintings of St. Catherine in England', *J.B.A.A.*, xix (1956), 20–33. English versions of the Legend include: *Seinte Katerine* (ed. S. R. d'Ardenne and E. J. Dobson, E.E.T.S. 1981)

by Clemence of Barking, ed. W. MacBain (*Anglo-Norman Texts* xviii, 1964)

by Capgrave (ed. C. Horstmann, E.E.T.S. 1893)

and by O. Bokenham (ed. M. Serjeantson, E.E.T.S. 1936)

Read more: <http://www.answers.com/topic/catherine-of-alexandria#ixzz39HMN8fcM>